

## O FANATISMO COMO A PERTURBAÇÃO MENTAL POR EXCELÊNCIA NO PROJETO ANTROPOLÓGICO KANTIANO

Fanaticism as the main mental disorder  
in the Kantian anthropological project

Geraldo Freire de Lima 

Universidade Federal de Sergipe – Aracaju, Brasil  
geraldo.freire@ifrn.edu.br

**Resumo:** O tema do fanatismo se fez bastante presente na obra do filósofo Immanuel Kant, em especial em seus trabalhos antropológicos, na forma de uma perturbação mental. Entretanto, este assunto, sustentamos, aparece em tais textos de forma fragmentária, sendo mais bem conceitualizado em sua obra sobre a moral e sobre a religião. Neste artigo pretendemos explicitar o porquê, sustentados em três suposições: (1) o sujeito fanatizado produz ao mesmo tempo vários quadros sintomáticos distintos, que podem atravessar várias afecções mentais simultaneamente; (2) em Kant, afirmamos, a sua onomástica das patologias mentais segue o modelo do fanatismo, que, devido a sua estrutura, pode ser considerada a doença mental por excelência; (3) no contexto histórico do pensador, o fanatismo era observável principalmente em conjunturas religiosas e místicas, por isso ele reservou a maior parte de suas conceituações sobre o tema justamente em seus textos sobre a religião e a moral (ética).

**Palavras-chave:** Kant; Fanatismo; Projeto antropológico; Doença mental; Religião.

**Abstract:** The theme of fanaticism was very present in philosopher Immanuel Kant's work, especially in his anthropological works, as a mental disorder. However, we hold that this subject appears in such texts in a fragmentary way, it being better conceptualized in his work about morals and religion themes. In this article we intend to explain why, based on three assumptions: (1) the fanatic subject produces several different symptomatic conditions at the same time, which it can cross several mental conditions simultaneously; (2) we affirm that, in Kant, his classification of mental pathologies follows the model of fanaticism, which, due to its structure, can be considered the main mental disorder; (3) in the Kant's historical context, the fanaticism was observable mainly in religious and mystical contexts, therefore he reserved most of his conceptualizations on the subject precisely in his texts about religion and morals (ethics) topics.

**Keywords:** Kant; Fanaticism; Anthropological project; Mental disturb; Religion.

*O reino das sombras é o paraíso dos fantasistas (SF,  
317: 03).*

Immanuel Kant

### 1. Introdução

O tema fanatismo aparece com regularidade na história do pensamento ocidental e sempre intrigou pensadores, de diversas áreas, pelas notáveis distorções que o sujeito fanatizado provoca no reino dos nexos intelectivos e das relações sociais. Trata-se de um tipo distinto por ações peculiares, danosas em sua maioria, por idiossincrasias e pelos movimentos de suas paixões, que os torna um indivíduo que transita entre o curioso e o

perigoso. Devido à sua conservação persistente na história das sociedades humanas, em qualquer época as questões em torno do fanatismo continuará sendo um tema atual e instigante, e o filósofo Immanuel Kant não se furtou em abordá-lo de modo significativo, sob diversos aspectos, ao longo de sua obra.

O século XVIII, denominado da crítica e do esclarecimento, foi sobretudo o período em que a natureza humana, em todas as suas dimensões inteligíveis, estava em questão. A razão, no exato momento em que expandia a sua capacidade analítica e crítica sobre o mundo e sobre a natureza humana, não se eximiu de encarar a si mesma e se interrogar quanto aos seus próprios limites, suas intenções e seus mecanismos mais profundos, onde os objetos da experiência, do entendimento e da imaginação se correlacionam em vista da elaboração de tudo o que denominamos gosto, conhecimento e desejo. A busca por bases e determinações seguras sobre suas produções também ensejou, inevitavelmente, indagações concernentes às consequências de uma razão adoecida (*morbidez*), enfraquecida ou fora de si: “A razão não pode atestar a existência da loucura sem comprometer-se ela mesma nas relações da loucura. O desatino não está *fora* da razão, mas *nela*, justamente, investido, possuído por ela, e coisificado” (Foucault, 2000, p. 343, grifo do autor).

E foi naquele contexto em que o filósofo de Königsberg promoveu uma ampla análise sobre o sujeito, aspectos relativos ao conhecimento (metafísica), à moral, à estética, e, notadamente, ao homem como ser singular e como ser social, isto é, seu caráter antropológico e empírico, “a conduta real” dos homens (Kant, 2018, p. 86).<sup>1</sup> O homem ilustrado, para ele, é aquele que deveria primar por um processo de esclarecimento da razão, ou purificação das formas elementares do pensar, que não dispensa o refinamento do seu comportamento individual (moral) e do seu trato social através do aprimoramento do gosto e do incremento da sociabilidade por meio de uma conduta norteadas pela crítica, na qual a liberdade e a civilidade reforçam-se mutuamente através da educação moral do cidadão, preocupações tais que Kant demonstrou em toda a sua filosofia moral e da história, como um tema deveras problemático, e que foi tratado, em sua antropologia, como matéria que diz respeito à natural insociabilidade humana. Mas se por um lado os propósitos e os meios civilizacionais são apropriados para refinar o gosto e promover a sociabilidade, qualidades

---

<sup>1</sup> Exceto a obra *Lições de Ética* (2018), todas as referências de Kant são feitas segundo a Edição da Academia (*Akademie-Ausgabe*), da seguinte forma: abreviação do título da obra, seguida pelo volume, numeração da página e da linha. As abreviações utilizadas são: Antropologia de um ponto de vista pragmático (*Anth*); O fim de todas as coisas (*EAD*); Observações sobre o sentimento do belo e do sublime (*GSE*); Crítica da faculdade de julgar (*KU*); Reflexões (*Ref*); A religião nos limites da simples razão (*RGV*); O conflito as faculdades (*SF*); Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica (*TG*); Ensaio sobre as doenças da cabeça (*VKK*).

que favorecem a manutenção do laço e da paz sociais, por outro lado são também suscetíveis de produzir perturbações mentais (da cabeça), as quais, já observava Kant, só são possíveis em uma vida coletiva (civil), nunca, ou raramente, em estado de natureza: “É no estado civil que se encontram os fermentos para todas essas perversões, que, se não as produzem, servem para mantê-las e fortalecê-las” (*VKK*, 2: 269.24-27). A rudeza natural dos costumes, do ponto de vista da sociabilidade, não é uma qualidade bem-vinda, entretanto, não é uma doença; todo o círculo em torno das fraquezas e das corrupções da mente seriam, deste modo, formas de alienações produzidas socialmente.

O interesse de Kant por assuntos antropológicos, dentre estes as questões relativas aos distúrbios mentais (da cabeça), aparece de modo expressivo em diferentes textos das suas fases pré-crítica e crítica. Para ele, o ideal de um homem civilizado e esclarecido também passava por um exame sobre os critérios filosóficos (antropológicos) que poderiam considerar, ou determinar, a sanidade mental do sujeito e as consequências em seus comportamentos na sociedade; por este motivo, o tema das perturbações mentais (da cabeça), em especial as formas da loucura – entendido como males causados pelo excesso de civilização e de cultura –, é tratado por Kant principalmente através de algumas obras de caráter antropológico, tais como: *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime (Observações)*, *Ensaio sobre as doenças mentais [da cabeça]*<sup>2</sup> (*Ensaio*), *Antropologia de um ponto de vista pragmático (Antropologia)* e *Reflexões de Antropologia*,<sup>3</sup> todavia, nos chama a atenção o fato de que o tema do fanatismo, em específico, apareça em sua obra antropológica de forma fragmentária e pouco conceitualizada, se fazendo mais presente, e melhor definido, em seus textos sobre a moral (ética) e, pontualmente, sobre a religião. Em seus textos antropológicos Kant não dispensou muitas linhas para particularizar um “tipo fanático”, nem o qualificou, de forma explícita, como uma perturbação mental propriamente dita.

---

<sup>2</sup> O título original desta obra é *Versuch über die Krankheiten des Kopfs*; como *Kopfs* significa precisamente “cabeça”, é possível encontrarmos algumas traduções que optam por uma versão mais literal, que tentam assegurar, possivelmente, a intenção de Kant em se referir a um termo que, em sua época, se aproximava mais do sentido coloquial: “doenças da cabeça” (*Krankheiten des Kopfs*). Isso não significa que ao longo do texto ele não faça uso de outros termos semanticamente próximos, tais como “mental”, “ânimo”, “espírito”, “alma”, “razão”, “juízo”, para se referir, as vezes como sinônimos e as vezes de forma mais específica, quanto à localização de alguns tipos de doenças da cabeça. Também é importante notar que, em *Antropologia*, obra distanciada do *Ensaio* por um intervalo de 34 anos, Kant conserva uma classificação psicopatológica próxima à obra mais antiga, porém com algumas alterações sutis, mas determinantes, de nomenclaturas, a exemplo da troca quase completa do termo cabeça por ânimo (*Gemüt*).

<sup>3</sup> Este último, na verdade, não se trata propriamente de uma obra escrita e editada por Kant, mas de uma compilação sistemática de fragmentos, escritos por ele em várias épocas da sua vida, recolhidos de anotações achadas em cadernos, livros, revistas e folhas soltas que o filósofo deixou em suas gavetas ou sobre sua escrivaninha e que foram reunidos após a sua morte.

Neste artigo, pretendemos explicitar o porquê da pouca descrição do tipo fanático, por parte de Kant, em seus escritos antropológicos, sustentados em três proposições: (1) primeiramente, compreendemos que isso se deve ao fato de Kant ter percebido que aquele tipo produz vários quadros sintomáticos distintos ao mesmo tempo, que podem atravessar, concomitantemente, várias afecções mentais, ou seja, aquele tipo é passível de aglutinar, e combinar, várias características de várias formas de doenças da cabeça simultaneamente, o que implicou numa evitação de Kant em enquadrá-lo numa classificação psicopatológica única, aparecendo, destarte, em suas obras, sob o disfarce de várias outras terminologias patogênicas; (2) como consequência lógica, afirmamos que todo o círculo classificatório das doenças mentais feita por Kant, em especial no *Ensaio* e na *Antropologia*, gira em torno das características do tipo fanático, quer dizer, em Kant, a onomástica das patologias mentais segue o modelo do fanatismo, que, devido a sua estrutura, pode ser considerada a doença mental por excelência; (3) por último, sustentamos que, como no contexto histórico do filósofo o fanatismo era observável sobretudo em conjunturas religiosas e místicas, o mesmo reservou a maior parte de suas conceituações sobre o tema justamente em seus textos sobre a religião e a moral, mais especificadamente sobre o tema da ilusão religiosa, obras onde podemos encontrar caracterizações e definições mais precisas, afinal, para ele, tanto a moral quanto a religião deveriam se amparar em princípios, e o fanatismo seria precisamente uma condição em que “alguém excede sobre e além da máxima da razão” (Kant, 2018, p. 239), por conseguinte, para Kant: “a ilusão religiosa fanática é a morte moral da razão, e sem esta não pode em geral haver religião alguma enquanto aquela, como toda a moralidade em geral, se deve fundar em princípios” (RGV, 6: 175.12-15); isto posto, o fanatismo seria, crucialmente, uma afronta aos princípios da razão.

Desta forma, partindo da análise antropológica sobre a loucura estabelecida por Kant, pretendemos aqui não somente recolocar, ou reenquadrar, o fanatismo como uma perturbação mental propriamente dita, mas principalmente conduzir a concepção sobre o fanatismo como um modelo fundamental de perturbação mental, quer dizer, devolver, a partir da própria obra kantiana, o fanatismo ao seu devido lugar: o âmbito da loucura. Para tanto, empregaremos suas descrições e análises para pôr luz à questão do fanatismo, aproximando, por fim, o seu pensamento aos dias atuais a partir do uso prescritivo da sua dietética da mente contra este fenômeno que, como em qualquer época, é um mal a ser rechaçado e evitado, porém não antes de ser bem compreendido sob a ótica intelectual, afinal: “O filósofo também foi médico de almas” (Perez, 2007a, p. 08).

## 2. O fanático: um tipo antropológico

Em qualquer meio social costumamos nos deparar, invariavelmente, com o tipo fanático, o qual o denominamos desta forma por sua propriedade mais típica: o interesse do sujeito por um único objeto na vida e sua consequente defesa hiperbólica dele. Contudo, para fins de sustentação de nossas conjecturas, façamos uma tentativa de caracterização empírica pormenorizada sobre o sujeito fanatizado: ideias e confabulações persistentes; discurso monotemático; forte tendência à credence e à superstição; intolerância às ideias divergentes das suas; verbosidade (tagarelice); ódio ao intelectualismo (tudo o que se refere à razão e à lógica) ou aderência a um intelectualismo obtuso e formal; adoração inabalável a um ser supremo ou a um líder ou pseudolíder, quando não, idolatria a um objeto, ideia ou ideal que se apresente com mesma função; inabilidade cognitiva e intelectual; incapacidade de reconhecer erros ou equívocos; exaltação ao se expressar (sempre sobre o mesmo assunto ou objeto); crença em tipos de redenções ou “soluções finais”; arroubo ou fúria ao se sentir questionado, pressionado ou “desmascarado”; pronta aderência à teorias da conspiração (com a presença ou não de mania de perseguição) e narrativas apocalípticas. Enfim, o fanático é aquele que aparenta sempre viver em, e se relacionar doravante, uma realidade muito peculiar, num mundo paralelo que só é possível ser compartilhado a partir de alguns termos próprios. Baseados nas várias descrições que Kant faz em suas obras antropológicas, nos arriscamos a afirmar que tais impressões que colhemos sobre o tipo fanático não mudou desde a sua época, apenas os meios para se expressar e os tipos de objetos fanatizados, além, claro, do tratamento dado a este tipo antropológico por parte da sociedade, ora legitimando-o a partir de um discurso social estabelecido, ora relegando-o ao âmbito do psicopatológico.

Para sustentarmos a hipótese de que Kant “mascarou” o fanatismo em suas obras antropológicas, por causa das escassas descrições encontradas, fazendo uso de dada rede semântica para se referir à mesma afecção mental, apresentaremos as poucas referências nominais feitas pelo filósofo nos referidos textos.

Nas *Observações*, Kant (*GSE*, 2: 251.6-11) nos diz: “O fanatismo é, por assim dizer, um pio atrevimento, ocasionado por certo orgulho e grande confiança em si mesmo, com o propósito de aproximar-se das naturezas celestes e de elevar-se, num vôo extraordinário, acima de ordem comum e prescrita”; já demonstrando a típica soberba que a alienação delirante causa naquele e a imprescindibilidade em aproximar a ideia de fanatismo à esfera religiosa, asseverando que a religião, quando acometida pelos desvios da “[...] credulidade,

*superstição, fanatismo e indiferentismo*” (GSE, 2: 250.10-11, grifo do autor) revela indícios de diferentes qualidades do sentimento nacional. Notemos também que, na mesma obra, já aparecem outros dois conceitos que ele continuamente abordará junto ao tema do fanatismo, mas propriamente com a preocupação em diferenciá-los: a superstição e o entusiasmo. Não é difícil confundirmos a figura do sujeito fanatizado com a do supersticioso, afinal ambos são crédulos, no entanto Kant faz questão de bem distingui-los: “A *superstição* se compara mais com a demência, e o *fanatismo* mais com a *insânia*. O doente mental acometido dessa última também é com frequência chamado (em expressão suavizada) de *exaltado*, e mesmo de cabeça excêntrica” (Anth, 7: 203.5-8, grifo do autor); os colocando, destarte, numa escala moral, em patamares distintos, o supersticioso quase como um mero ingênuo e o fanático como um desatinado mental, um tipo socialmente muito mais desprezível,<sup>4</sup> como deixa claro num escrito posterior:

O fanatismo é uma condição segundo a qual alguém excede sobre e além da máxima da razão. A superstição estende-se para dentro dessa máxima, mas o fanatismo vai além dela. A superstição funda-se em princípios sensíveis, mas o fanatismo em princípios místicos e hiperfísicos. O escárnio é parcialmente dirigido à superstição e parcialmente ao fanatismo. Ele não é apropriado, mas mesmo assim é um meio de tirar tais pessoas da ilusão e do equívoco engendrado por suas intuições celestes e supersticiosas. (Kant, 2018, p. 239)

No que diz respeito ao entusiasmo, não podemos negar que a aparência social do fanático é de fato a de um ser bastante enérgico, porém nunca apartada do seu aspecto delirante, que o distingue do verdadeiro entusiasmo pelas consequências de suas ações, ou, por suas obras:

O fanatismo deve ser distinguido do *entusiasmo*. Aquele crê sentir uma comunhão imediata e extraordinária com uma natureza elevada, este exprime o estado da mente por alguma razão mais excitado do que o normal, em função quer das máximas da virtude patriótica, quer da amizade, quer da religião, sem que ocorra a idéia de uma comunhão sobrenatural. (GSE, 2: 251, nota de rodapé, grifo do autor)

Ainda sobre o mesmo assunto, ele complementa em outra obra:

---

<sup>4</sup> Destacamos que, em relação ao tema da superstição, o pensamento de Kant, *mutatis mutandis*, se aproxima ao do pensador francês Voltaire, que admite o fato de que a religião é uma prática necessária para todas as sociedades, pois “[...] as leis protegem contra os crimes conhecidos, e a religião, contra os crimes secretos” (Voltaire, 2000, p. 113); porém, como muitas vezes na história da humanidade tais ideias aparecem muito próximas, se faz necessário distinguir o verdadeiro credo religioso da crença supersticiosa: “A superstição é, em relação à religião, o que a astrologia é em relação à astronomia, a filha muito insensata de uma mãe muito sensata. Essas duas filhas subjugaram por muito tempo a terra inteira” (Voltaire, 2000, p. 114). É um pensamento persistente em Voltaire a ideia de que a religião pura se degenerou em superstição e fanatismo, os quais produziram e produzem intolerância (religiosa). Quanto a isso, Kant parece concordar em parte, pois atrela a intolerância mais ao campo moral, que, com certa regularidade, pode descambar para o campo religioso.

Essa ambígua aparência de fantasmagoria em sentimentos morais bons em si mesmos é o entusiasmo; e, sem ele, nada de grandioso foi feito no mundo. Coisa inteiramente diferente se passa com o fanático (visionário, profeta). Este é, a bem dizer, um desatinado que se supõe provido de inspiração imediata e intimidade com o poder celeste. Nenhuma alucinação é tão nefasta à natureza humana quanto esta. (*VKK*, 2: 267.09-17)

Nas *Observações*, ainda que este não seja propriamente o intento da obra, Kant deixa vários rastros sobre características de tipos antropológicos a partir da perspectiva dos conceitos de belo e de sublime, e nela também nos apresenta uma “[...] estranha compilação das fraquezas humanas” (*GSE*, 2: 214.22-23). Na citação abaixo, Kant se utiliza de um mesmo campo semântico para se referir ao fanático, mas sem o designar diretamente:

Na natureza humana, jamais se encontram qualidades louváveis sem que, ao mesmo tempo, suas anomalias nos conduzam, através de infinitas variações, até a mais manifesta imperfeição. A qualidade do *sublime terrível*, quando inteiramente inatural, é *extravagante*. As coisas não naturais, na medida em que nelas se presume o sublime, embora encontrado em pouca ou nenhuma escala, são *caricaturas*. Quem ama o extravagante e nele crê, é um *fantasioso*; a inclinação à caricatura constitui o *excêntrico*. (*GSE*, 2: 214.32-35; 215.1-4, grifo do autor)

Nesta contextura, Kant caracteriza o afeto como um movimento da alma que, na medida em que evoca prazer e dor, combina aspectos sensuais e ideais, logo identificado como a expressão da faculdade da imaginação (*Einbildungskraft*), ideia que depois será retomada e mais bem formalizada na *Crítica da faculdade de julgar*. O fanatismo seria, pois, segundo esta compreensão, uma anomalia da imaginação, uma desordem da faculdade de julgar, uma alteração, pois, da relação de forças entre o imaginado e o percebido, mecanismo próprio do delírio, que aparece como uma espécie de “admiração exagerada” por qualquer objeto (empírico ou ideal) sem fins específicos ou claros.

Pois é na necessidade daquilo que é conforme a fins, e constituído como se fosse intencionalmente disposto para o nosso uso – parecendo, todavia, pertencer à essência das coisas, independentemente do nosso uso – que reside o fundamento da grande admiração pela natureza, não tanto fora de nós quanto em nossa própria razão; sendo por isso bem perdoável que essa admiração, por equívoco, possa crescer cada vez mais até tornar-se fanatismo. (*KU*, 5: 363.34-37; 364.1-2)

O texto *Ensaio*, publicado em 1764, no qual Kant desenvolve um processo de apresentação das perturbações mentais, é o primeiro e único dos seus escritos onde o tema principal é a loucura, no qual “se começa a forjar também um novo campo semântico que será decisivo para o desenvolvimento do pensamento transcendental” (Panarra, 2010, p. 202). Juntamente com as *Observações*, o texto de 1764 será de máxima importância na composição do quadro do criticismo, pois, como posteriormente foi reelaborado na

*Antropologia*, são naquelas obras em que o pensador inicia uma análise da loucura sob a perspectiva do conhecimento: “Chamei de doenças mentais as fraquezas da faculdade de conhecimento” (*VKK*, 2: 270.18-19); já indagando sobre a inclinação da razão ao delírio, deste modo, “pensar a ilusão e a propensão para o excesso que são intrínsecos ao uso teórico da razão humana” (Panarra, 2010, p. 202).

É importante destacar que o caráter antropológico que marca o *Ensaio*, assim como as *Observações*, se deve também, e principalmente, pelo interesse prático e teórico de Kant por “assuntos do cotidiano”. Em 1763, ano em que a obra foi redigida, Kant encontrava-se com 39 anos, período em que o próprio se referia como “anos de magistério” (Probert, 2004), momento de forte atividade docente, todavia ocasião também de maior socialização do pensador, o que lhe rendeu um vasto saber social e empírico sobre demarcados tipos psicológicos tanto quanto sobre precisos tipos morais. A redação e publicação do *Ensaio*<sup>5</sup> foi motivada por um episódio aparentemente trivial: no final daquele ano apareceu, nos arredores de Königsberg, um polaco chamado Jan Pawlikowicz Zdomorzyskich Komarnicki, homem de aspecto maltrapilho que logo foi alcunhado de “profeta das cabras”, pois, além de se deslocar com um rebanho de caprinos, acompanhado do seu filho, manifestava uma atitude de um fanático religioso, respondendo com versículos bíblicos a qualquer solicitação que lhe fosse dirigida. Chegou ao conhecimento de Kant que o tal polaco tinha sofrido de uma grave doença do estômago, e que suas crises de perturbações alucinatórias sobrevieram a ela. Aquele evento particular causou comoção e alarido na cidade natal do filósofo, e foi documentado, na época, através de vários registros, inclusive em um artigo do próprio Hamman, publicado em sua revista. Notabilizamos, deste então, que o interesse pelo tema do fanatismo, por Kant, que marca a escrita do *Ensaio*, possui fortes vínculos, ao mesmo tempo, com os temas da loucura e do delírio místico-religioso, que sob a pena de Kant ultrapassaram a mera curiosidade sobre o cotidiano e receberam trato filosófico, que passou a constatar que a razão possui, intrinsecamente, uma forte propensão ao delírio e à ilusão, pois: “Todos os *actus* [atos] do entendimento e da razão podem ocorrer na obscuridade” (*Refl*, 15: 65.24-25).

O *Ensaio*, desta forma, é uma obra marcada por dois grandes interesses antropológicos de Kant naquele momento: a loucura e a natureza social do homem,

---

<sup>5</sup> Publicado em Königsberg, em cinco números da *Königsbergischen Gelehrten und politischen Zeitungen*, seu primeiro número saiu em fevereiro de 1764. Tal revista foi fundada, e era editada, pelo filósofo Johann Georg Hamman, antigo aluno e amigo de Kant.



consequentemente, o peso e o alcance da atuação da cultura na constituição da moralidade e na formação de quadros de doenças mentais. Por declarada influência intelectual de Rousseau,<sup>6</sup> Kant iniciou uma análise minuciosa da natureza humana que pendia para a constatação de que a vida civil, por excesso de cultura e de comportamentos artificiosos como as convenções, as aparências e a hipocrisia social, seria fonte de muitos males, dentre estes os vícios, as doenças e a própria loucura, para ele, “a sociedade, insinua agora em coro com Rousseau, é o lugar da queda” (Figueiredo, 2013, p. 15). Na obra, Kant estabelece uma distinção entre dois tipos de enfermidades: as doenças do coração, designadas de desvirtuamento da vontade (perversão); e as doenças das fraquezas (deficiências) da faculdade de conhecimento, e é baseado nesta segunda que ele se desdobra sobre uma classificação das doenças, ou distúrbios, mentais – nem sempre fácil de acompanhar seu princípio organizativo, pois, como ele mesmo indica: “É difícil uma divisão sistemática naquilo que é desordem essencial e insanável” (*Anth*, 7: 214.14-15) – que relaciona patologias mentais em sua correspondência com a perturbação de uma das faculdades do conhecimento, por impotência ou por corrupção. Não cumpre propósito deste artigo expor uma categorização pormenorizada de todas as doenças mentais apresentadas por Kant no referido texto. Entretanto, nos interessa ressaltar que, em especial, a taxonomia da loucura centra-se em basicamente três categorias principais, denominadas perturbações do ânimo (da alma) ou doenças da vontade (*Gemütskrankheit*): (1) o desatino (*Verrückung*), que apresenta-se a partir da corrupção, ou inversão, dos conceitos da experiência; (2) o delírio (*Wahnsinn*), identificado como uma desordem da faculdade de julgar; (3) e o desvario (*Wahnwitz*), que manifesta-se a partir da corrupção da razão “em vista de juízos mais universais” (*VKK*, 2: 264.11).<sup>7</sup> Deste modo, nesta e em outras obras, Kant serve-se destes três conceitos (*Verrückung*, *Wahnsinn*, *Wahnwitz*) como sinônimos de loucura, localizando-a sempre a partir de tal critério geral: “O único sinal universal da loucura é a perda do *sensu comum* (*sensus communis*) a substituição dele pelo *sensu lógico privado* (*sensus privatus*)” (*Anth*, 7: 218.11-13, grifo do autor).<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Neste quesito, especialmente influenciado pelas obras *Emílio* (2004), *Discurso sobre a origem e fundamento da desigualdade* (1999) e *Do contrato social* (1991).

<sup>7</sup> É importante sublinhar que em outras traduções também podemos encontrar o termo *Verrückung* expresso como “desarranjo” (Kant, 2006) ou ainda como “alienação” (Kant, 2005); o termo *Wahnsinn* como “parestesia” (Kant, 2005); e o termo *Wahnwitz* como “insânia” (Kant, 2017).

<sup>8</sup> É importante frisar que, debruçando-se sobre o mesmo tema, a loucura, na *Antropologia* Kant estabelece uma classificação de forma um pouco diferenciada, dividindo-a entre “tumultuosa, metódica e sistemática”, que por sua vez se subdividem em “amênia, demência, insânia e vesânia”.

Não seria difícil identificar de imediato, no *Ensaio*, o fanático (*Fanatiker*) como aquele que sofre do desatino (desarranjo), detectá-lo como o fantasioso (fantasista ou lunático) (*Phantasi*), ou como o visionário, “alguém que sonha acordado” (*VKK*, 2: 265.16-17), aquele que porfia-se por uma quimera diante da inversão dos conceitos da experiência, que sofre de ilusões perceptivas, que sucumbe ao conflito entre o percebido e o imaginado (atrabiliário), quem “em suas imaginações deixa de fazer a comparação com as leis da experiência habitual” (*Anth*, 7: 202.20-22); porém, como sustentamos, este não é o único tipo de desordem, ou perturbação do ânimo, que sofre o sujeito fanatizado, este é apenas um dos seus traços.

Em suas *Reflexões de Antropologia*, obra na qual Kant “usa os conceitos com grande liberdade, inventa termos, modifica significados, alemaniza palavras de outras línguas e usa mais de uma palavra para apresentar o mesmo conceito” (Perez, 2021, p. 59), na divisão reservada às doenças do ânimo, o termo fanático aparece sempre acompanhado a termos como “devoto”, “perturbado”, “louco”, “bobo”, “fantasiador” (da sensação e do conceito), “sonhador”, “exaltado”, “disparatado”, “delirante”, “alienado mental”, “idiota”, “imaginações”, “alucinado”, “estúpido”, “manias”, “engenho”, “absurdo” e “de mal gosto”.

Desta forma, percebemos que desde os primórdios do interesse de Kant pelo tema do fanatismo até as suas obras posteriores (*Ensaio* e *Observações*) e bem posteriores (*Antropologia*), tal aproximação e tal imprecisão conceitual a respeito do mesmo, nos instiga a pensar que Kant converte tipos antropológicos (sociais) numa taxonomia do fenômeno da loucura que tem como baliza a lógica da ilusão típica do fanatismo. Assim, o pensador prefigura que a caracterização do fanático sempre aparece atravessada por várias formas de perturbações mentais ao mesmo tempo, ou de algumas combinações delas. Logo, o sujeito fanatizado pode ser, associadamente, além daquilo que já fora apontado em *Reflexões de Antropologia*: um desatinado, um ingênuo, um embotado, um grotesco, um desvairado, um supersticioso, um extravagante, um fantasista, um excêntrico, um obtuso, um maçante, um insípido, um tolo, um tonto, um tumultuoso (amência), um demente, um imbecil, um paranoico, um insano, um tagarela, um vesânico, um colérico, dentre outros.

### 3. O fanatismo e sua disposição místico-religiosa

A leitura de algumas obras de Kant na busca de exposições a respeito do seu posicionamento frente ao tema do fanatismo, nos direcionou à compreensão de que, ainda que não apareça de forma sistematizada, ele apresenta três tipos elementares de fanatismos: (1) o místico-religioso (fanáticos da fé), (2) o metafísico (dogmático, filosófico, fanáticos por

uma ideia da razão), (3) e o moral (fanáticos das relações políticas ou das relações interpessoais de forma geral); como assevera Perez: “Consta-se também um ‘desvario’ bastante particular em alguns modos de compreender algumas idéias que produzem determinados tipos de discursos, a saber: o metafísico, o místico, o fanatismo político ou religiosos” (2007b, p. 71, grifo do autor). No entanto, reafirmamos aqui, estes três tipos seguem uma mesma disposição, o modelo cultural religioso, pois “elegem” algo, alguém, uma ideia ou um ideal para se alienarem incondicionalmente, ou seja, para idolatrá-lo, adotando, desta maneira, uma vida devotada a tal objeto fanatizado.

Na época de Kant, a idolatria, o desvario de caráter místico e o delírio apocalítico eram os modelos mais familiares de fanatismo, no primeiro se colocando como o mais fiel servo de uma entidade, no segundo se mostrando praticamente como a própria entidade, ou ostentando marcas de sua proximidade com ela, e no último demonstrando um saber superior sobre o fim dos tempos que as divindades só compartilham com ele. O que é o ídolo se não aquele que adora, cultua, presta serviços (*latreia*) a um fantasma (*eidolon*), a uma forma, por meio de um mecanismo de ilusão dos sentidos, do entendimento, do juízo e da razão, pelo qual venera um objeto que ele mesmo elegeu como superior e distinto, e não pela superioridade inerente ao objeto, mas inerente à imaginação do próprio sujeito. Por isso também o universo das “escolhas” do objeto idolatrado é bastante amplo, desde coisas, pessoas ou ideias que possam transmitir valores simbolicamente partilhados, até tralhas e anseios insignificantes, indignos de reverência ou respeito: “Quanto mais o homem transfere seus próprios poderes para os ídolos, tanto mais pobre ele fica e tanto mais dependente dos ídolos, pois estes só lhe permitem reaver pequena parte do que era originalmente dele” (Fromm, 1975, p. 51).

É, portanto, no âmbito de suas reflexões sobre a religião onde podemos encontrar definições sobre o fanatismo melhor elaboradas, o que nos leva a intuir que é no domínio do discurso religioso que este fenômeno, se não surge, é ao menos onde melhor encontra um terreno fértil para desenvolver-se, afinal o fanático é, por definição, um devoto do seu objeto fanatizado, seja ele qual for; é um crédulo, que por vezes beira, ao menos aparentemente, à inocência extravagante: “O fanatismo religioso é o engano do sentido interno, pelo qual se acredita encontrar-se em comunidade com Deus e outros espíritos” (Kant, 2018, p. 261).

No texto *A religião nos limites da simples razão*, assim como nas *Lições de Ética*, Kant apresenta esboços bem delineados a respeito do fanatismo, no qual o filósofo caracteriza-o como um tipo de ilusão:

[...] diz-se fanática uma ilusão em que o meio imaginado, enquanto supra-sensível, não está sequer na capacidade do homem, ainda sem olhar para a inatingibilidade do fim supra-sensível assim intentado; pois o sentimento da presença imediata do ser supremo e a distinção deste sentimento em relação a outro, inclusive o sentimento moral, seria a susceptibilidade de uma intuição para a qual não há sentido algum na natureza humana. (RGV, 6: 175.1-7)

Naquela obra, o pensador se preocupa em apresentar os requisitos, ou as qualidades (notas características) da verdadeira Igreja “Purificada da imbecilidade da superstição e da loucura do fanatismo” (RGV, 6: 101.35-36), a partir de motivos morais. E ainda nela, se atenta para a diferenciação entre a superstição religiosa e o fanatismo religioso:

A ilusão de mediante acções religiosas do culto obter algo em vista da justificação perante Deus é a *superstição* religiosa; assim como a ilusão de tal querer levar a cabo por meio do esforço em vista de um suposto trato com Deus é o *fanatismo* religioso. (RGV, 6: 174.27-30, grifo do autor)

Considerando este último uma das formas mais degeneradas de credo, pois causa no sujeito, por meio de uma ilusão, um sentimento de “atribuir a si a familiaridade de um suposto trato oculto com Deus” (RGV, 6: 188.19). Amar a Deus, deste modo, se assemelha a amar a lei moral, pois quando se ama verdadeiramente a Deus glorifica-se também a sua lei, e não simplesmente barganha-se com o divino: “O falso significado do conceito de honra a Deus produziu a superstição e o falso significado do conceito de amor a Deus produziu o fanatismo” (Kant, 2018, p. 274).

Em tais obras Kant se preocupa em aproximar o sentimento e as práticas religiosas do âmbito da moral, pois os mesmos devem ser fundamentados em princípios, a fim de, como faz na *Crítica da Razão Prática*, diferenciar a moralidade, a autonomia da vontade motivada e guiada pelo dever, de comportamentos que Kant costuma conceitualizar como excêntricos ou extravagantes, que nada mais são que outros nomes para o fanatismo.

Existem ainda outros tipos de erros na teologia que, porém, omitiremos, posto que eles pertencem mais à *Teologia rationalis* do que à ética. Não obstante, em vista do teórico – e, na verdade, em relação ao conhecimento –, citamos dois tipos de excentricidades errôneas: a sofisticação [*Vernünftlerei*] e a superstição. E em relação ao coração, o escárnio religioso [*Religionspötere*] e o fanatismo. Esses são os limites da excentricidade. (Kant, 2018, pp. 235-236)

Na obra *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (*Sonhos de um visionário*) Kant também estabelece escolhas conceituais para descrever o fenômeno do fanatismo, relacionando-o à esfera filosófica (metafísica), quer dizer, da razão, a partir da “[...]”

perturbadora semelhança entre as construções metafísicas e a intuição fanática de um delírio” (David-Ménard, 1996, p. 23). É de notório conhecimento que é sobre a obra *Arcana Cælestia*, do sábio sueco Emanuel Swedenborg, que se ocupa Kant em *Sonhos de um visionário*, associando-a ao trabalho de elaboração de uma escrita que teria como motor uma doença da razão, na qual “a ilusão assume a forma de um delírio interpretativo” (Panarra, 2010, p. 210). Naquela obra é apresentada um princípio de analogia entre as construções mentais da metafísica dogmática e o fenômeno da loucura ou da doença mental de forma geral, de tal modo, “todos os termos que caracterizavam o ocultismo – a loucura, delírio, alucinação – servem agora para qualificar a metafísica” (David-Ménard, 1996, p. 23). Desta forma, Swedenborg, um fanático metafísico que invariavelmente recai numa mística, está para *Sonhos de um visionário* assim como o polaco “profeta das cabras” está para o *Ensaio*, entretanto, na primeira, Kant diferencia um visionário de um fantasista, aquele que “sonha acordado”, isto é, diferencia os “sonhos da razão” dos “sonhos da sensação”, tentando, dessa maneira, segundo o modelo que se segue no *Ensaio*, situar o visionário como aquele que sofre de uma lógica da ilusão criada pela razão (cerne da dialética transcendental), enquanto a insânia lida com distúrbios formados em setores do conhecimento ainda anteriores ao entendimento:

a doença do fantasista dizendo respeito não propriamente ao entendimento, mas à ilusão dos sentidos, o infeliz não pode eliminar suas quimeras por nenhum tipo de raciocínio, porque a sensação dos próprios sentidos, verdadeira ou aparente, precede a todo juízo do entendimento e tem uma evidência imediata que suplanta de longe toda persuasão. (TG, 2: 347.24-28)

Todavia, há um ponto em comum entre estes dois tipos de desarranjo mental, ambos se encontram no fanatismo:

Em certo parentesco com os *sonhos da razão* encontram-se os sonhos da *sensação*, entre os quais se contam habitualmente aqueles que algumas vezes têm a ver com espíritos, e isso pela mesma razão que as anteriores, porque vêem algo que nenhum outro homem saudável vê, tendo sua própria comunidade com seres que não se revelam a mais ninguém, por melhores que sejam seus sentidos. (TG, 2: 342.27-33)

Como Kant situa a religião no campo moral, pois “A religião é a fé que estabelece o essencial de toda a veneração de Deus na moralidade do homem” (SF, 7: 49.18-19), haveria, portanto, alguma diferenciação entre um fanatismo religioso e um fanatismo moral? Entre a fé messiânica e o ufanismo? Em termos fenomênicos a causa destes tipos de loucura seria a mesma: os excessos da socialização; tanto o âmbito do conhecimento quanto o religioso são ambientes que influenciam bastante os sujeitos a darem conta de “turbilhões de sentidos” a

partir do trabalho da razão. Por isso, inevitavelmente “o homem que se põe a cogitar cai na *mística*... onde sua razão não se compreende nem a si mesma nem compreende o que quer, mas prefere entregar-se ao devaneio do que conservar-se” (*EAD*, 8: 335.19-23). É no mínimo curioso como delírios místicos podem seguir modelos metafísicos e vice-versa.

Quanto ao fanatismo político, é importante se notar que em geral o sujeito acometido por este tipo de impulso simplesmente está a substituir as insígnias sagradas por símbolos da política, trocando as religiões por partidos ou ideologias políticas, Deus e os santos por líderes e personalidades políticas, os sacros artefatos por brasões ou bandeiras. Quem presencia um ufanista se exprimindo pode constatar facilmente que não é da pátria que se trata, e sim de um Deus disfarçado de nação. É bem verdade que comumente as formas de poder político se arrogam o direito de atormentarem os cidadãos com algum tipo de imposição ideológica. Mas é igualmente verdade que, quando possuem oportunidades, muitos cidadãos perturbam a paz e a ordem social justamente a partir de suas crenças, através da luta pelo direito de impor seus modos e práticas religiosas em contrapartida à liberdade cívica e de crença alheia. Mas não há dúvidas de que a pior consequência do fanatismo, a mais drástica e perigosa, é quando os fanáticos tomam conta do Estado e o modifica à sua imagem e semelhança, regendo, por conseguinte, leis enviesadas e intolerantes, concebendo Estados que, em geral, passam a impor legislações “anti” alguma coisa: antiprotestante, anticatólica, antimulçumana, antijudaica, antiatéia, anticomunista, antirracial etc.<sup>9</sup> Como nos lembra John Locke, em sua *Carta sobre a tolerância*, são estes tipos de fanáticos que “condenam tudo que não estiver segundo seu modelo” (1978, p. 15).

O delírio persecutório, a paranoia, é um estado que por sua natureza social é bastante confundido com uma condição moral; em alguma medida, o fanatismo se confunde com a paranoia, podendo ser um dos seus aspectos patológicos, pois em geral o sujeito fanatizado enseja tendências a teorias da conspiração de teor político. E ainda no terreno do fanatismo moral, não podemos desconsiderar também o fanático por uma figura individual (pessoa), o culto à personalidade, tanto por um personagem político (vivo ou morto), quanto por uma pessoa qualquer do seu cotidiano, um tipo de fixação que ultrapassa as fronteiras do amor, em linguagem freudiana, uma erotomania, como bem expressa a poesia de Florbela Espanca intitulada, à propósito, “Fanatismo”:

---

<sup>9</sup> É também perceptível a tendência que a subjetividade fanática possui em se declarar e repercutir discursos “anti” ou “pró” alguma coisa: antiaborto, antivacina, antiambientalismo, antigays, antifeminismo, pró-armas de fogo, pró-vida, pró-família, dentre outros. Essa mentalidade, a qual sustenta um discurso permanente de conflitos entre dualidades, é uma outra constante em sua personalidade.

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.  
 Meus olhos andam cegos de te ver!  
 Não és sequer razão do meu viver  
 Pois que tu és já toda a minha vida!  
 Não vejo nada assim enlouquecida...  
 Passo no mundo, meu Amor, a ler  
 No mist'rioso livro do teu ser  
 A mesma história tantas vezes lida!...  
 "Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."  
 Quando me dizem isto, toda a graça  
 Duma boca divina fala em mim!  
 E, olhos postos em ti, digo de rastros:  
 "Ah! podem voar mundos, morrer astros,  
 Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

(Espanca, 1987, p. 21)

#### 4. Considerações finais: Kant e o fanatismo hoje

Com o advento da sociologia, da psiquiatria moderna, das várias correntes da psicologia e, principalmente, do saber psicanalítico, mediante uma “intelectualização dos conflitos pulsionais” (David-Ménard, 1996, p. 15), podemos hoje compreender melhor as várias perspectivas do fenômeno do fanatismo em suas dimensões patológicas, psíquicas e socioculturais. Atualmente compreendemos que o fanatismo pode ser localizado como um traço cultural, um distúrbio de personalidade ou uma perturbação mental, podendo estar presente em todas as estruturas psíquicas; tal diagnóstico é importante e pode indicar quanto a sua possível regressão, ou não, a um estado social aceitável. Como indicou o filósofo de Königsberg, pode mesmo tratar-se de um traço da loucura (paranoia ou esquizofrenia), ou, como abordou Freud, pode tratar-se de um traço neurótico, pelo qual o sujeito tenta suplantar, ou obturar, seu vazio existencial a partir de um objeto único e renitente, um investimento libidinal insistente (casos possivelmente reversíveis).<sup>10</sup> É também patente que, em diversos lugares, a aparição do fanatismo está relacionada a vários momentos histórico-culturais distintos, manifestando-se na forma de verdadeiras seitas, isto significa, seu

---

<sup>10</sup> Em seu texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1996), Freud desenvolve uma análise sobre os processos psicológicos da vida religiosa em sua relação com a neurose obsessiva, sustentando a ideia geral de que: “As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamentos obsessivos, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins” (Freud, 1996, p. 109). Naquela obra, Freud observa como ao longo da vida as manias e os atos obsessivos de um sujeito, que funcionam como verdadeiros “atos de defesa” (Freud, 1996, p. 114), ou “medidas protetoras” (Freud, 1996, p. 114), vão se tornando uma espécie de religião particular: “a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômico e triste, de uma religião particular” (Freud, 1996, p. 111). Podemos inferir que algumas formas do fanatismo se encaixam também nestas características da neurose obsessivas.

aumento ou diminuição é quase sempre relacionável a um certo contexto, o que nos permite inferir a sua relação com algumas circunstâncias sociais. Hoje, nos atentamos, é um verdadeiro movimento de massa, mesmo multifacetado em seus diversos tipos e seus inúmeros objetos de fanatismos na sociedade. Diante desta realidade, não poderia deixar de mencionar esta definição empregada por Fromm, que sintetiza bem nossa situação atual:

Esta é, incidentalmente, também, a psicologia do fanático. Ele está oco, morto, deprimido, mas, para compensar seu estado de depressão e insensibilidade interior, escolhe um ídolo, seja o Estado, um partido, uma idéia, a igreja, ou Deus. Converte esse ídolo no absoluto, e submete-se-lhe de maneira total. Ao fazê-lo, a vida dele logra obter um sentido, e ele se entusiasma com a submissão ao ídolo escolhido. Seu entusiasmo, entretanto, não brota da alegria do relacionamento produtivo; é um entusiasmo intenso, mas no entanto frio, oriundo do torpor interior, ou, para falar simbolicamente, é “gelo candente”. (1975, p. 51, grifo do autor)

A cultura, por meio de vários mecanismos de coações sociais e condicionamentos psicológicos, alastrou o fanatismo para outros campos, tais como os esportes, as artes, as ciências, o mundo do trabalho etc., e diversificou bastante seus elementos na sociedade por meio dos mais heterogêneos objetos do consumo, mas mantendo sempre, ainda que bem disfarçada, sua disposição hierática. São esportistas e suas práticas, artistas, cientistas, máquinas, *gadgets*, que tomam os lugares de Deus, dos santos, dos deuses e de seus artefatos de adoração religiosa, mas que não deixam de ser objetos de culto e de suas práticas ritualísticas. A principal diferença entre o fanatismo do tempo de Kant e os fanatismos correntes é que antes se seguia uma direção praticamente fixa, de caráter religioso ou místico, pois havia bem menos objetos e ensejos a que se ligar; o fanático contemporâneo, ainda que se mantenha na mesma estrutura, adota vários modelos e itinerários, pois é capaz de se fanatizar, de fato, por qualquer coisa.

A idolatria muda de objetos; não é absolutamente encontrada apenas nas formas em que o ídolo tem sentido pretensamente religioso. A idolatria é sempre a adoração de algo em que o homem colocou suas próprias forças criadoras e a que agora se submete, em vez de experienciar-se a si próprio em seu ato criador. (Fromm, 1975, p. 51)

Ao contrário de Kant, que exprimiu viver em uma época em esclarecimento e edificou uma obra em benefício do aperfeiçoamento do ser humano mediante cultura progressiva, podemos afirmar que, hoje, vivemos numa época de fanatização progressiva por meio dos mais variados tipos de objetos e estímulos. Compreendemos que, assim como é impossível que não haja a loucura na sociedade, inferimos que um certo número de fanáticos



também há sempre de existir, seja em suas formas passageiras, como em determinadas fases da vida que tendem a tal, como na adolescência, seja em suas formas sazonais, como em certos momentos políticos e alguns períodos de apelos religiosos, mas que todos tendem a uma certa normalização, sendo absolvidos aos costumes, confundindo-se, muitas vezes, com simples hábitos e singelas manias. Mas o que nos chama a atenção, nos tempos hodiernos, é a proporção e a relevância social que o tipo social fanático adquiriu, assim como a sua variedade de objetos, a sua perseverança e seu aumento progressivo.

No contexto do capitalismo atual, o fanatismo é amplamente incitado e explorado,<sup>11</sup> pois gera dividendos a partir do consumo desmedido e suscita a alienação necessária frente aos problemas sociais mais essenciais e urgentes, o que vem provocando, fundamentalmente, constantes estados de instabilidades políticas pelo mundo, pois o fanático “[...] é aquele que se perdeu da sua pessoa e estado e, por assim dizer, se deslocou para outro mundo” (*Refl*, 15: 207.01-02), é alienado à vida real e concreta, à vida produtiva e à vida razoável, então incapaz de medir as consequências morais e políticas dos seus atos no mundo civil, pois comumente se apegam ao que não existe e negam, veementemente, o que existe e está à sua frente, vivendo numa realidade ideologicamente arquitetada, e que hoje conta com a ajuda de muitos sistemas que já entregam tais realidades prontas para si. O fanático, deste modo, é um ser que vive para sempre em estado de menoridade, um não-autônomo, distante de uma liberdade moral, pois está alienado ao seu objeto de fanatismo. A razão é tão livre que a própria liberdade de seus pensamentos pode ocorrer à revelia da realidade empírica, ou seja, é tão livre que pode mover-se também na obscuridade. Nesta realidade, assim, em que os verdadeiros talentos se tornam potencialmente diminuídos, os sujeitos são valorizados por suas condutas de caráter excessivas, por seus comportamentos maníacos e por sua adesão apaixonada por qualquer coisa.<sup>12</sup>

Diante das questões que o fanatismo nos impõe, para quais perspectivas filosóficas poderíamos apontar? Em sua obra antropológica, Kant insere esta perturbação na malha das doenças mentais em sua relação com o conhecimento, e se por meio do conhecimento é possível adoecer, pois “o excesso do pensamento pode ser prejudicial para a saúde” (Perez,

---

<sup>11</sup> O termo “fã”, que soa tão comum quanto inocente hoje em dia, advém de fanático. Originou-se na Inglaterra ainda no século XVII, mas ganhou o mundo a partir do contexto norte-americano do pós segunda guerra (*fanatic*, que se tornou *fan*), que por sua vez migrou da conjuntura religiosa e política para o contexto popular (*pop*) e hoje é usado em diversas línguas do globo. Na maioria dos contextos sociais atuais, a palavra fã possui uma conotação extremamente positiva, valorizada e estimulada; é um tipo social, em geral, muito admirado e encorajado por sua paixão, seus exageros e excentricidades, sendo disputado, pelo capitalismo, a peso de ouro.

<sup>12</sup> O que é *Guinness Book* (*Guinness World Records*) se não o livro por excelência dos fanáticos por quantidades, grandezas e toda ordem de futilidade que a mente humana é capaz de largamente imaginar?

2007b, p. 75), é crível que o caminho que possa dar acesso à “cura” seja o mesmo? Este não seria mais um paradigma da razão, que precisemos de pensamentos para nos curarmos de certos tipos de pensamentos? Qual a medida saudável? Kant insere a filosofia na prescrição de uma pragmática denominada “dietética da mente”, “uma espécie de observação de si preventiva, algo como uma série de exercícios que imprimiriam um modo de vida. Diferente da ‘terapêutica’ que teria como objetivo curar uma doença já manifestada” (Perez, 2007b, p. 73, grifo do autor), que consiste em orientações morais, obrigações para consigo e os outros, cuidados pontuais com a saúde, sempre baseados na moderação com a alimentação e o estímulo à prática de atividades físicas, o comedimento diante das atividades intelectuais e uma certa determinação do ânimo em não se entregar aos sentimentos mórbidos.

semelhante arte pressupõe uma Faculdade que só a filosofia pode proporcionar, ou o seu espírito, que importa pura e simplesmente pressupor. A este último se refere o problema dietético supremo, contido no seguinte tópico:

*Do poder que o ânimo do homem tem de, graças ao simples propósito firme, ser senhor dos seus sentimentos mórbidos. (SF, 7: 98.05-13, grifo do autor)*

No terreno antropológico, portanto, não há como não inferirmos do pensamento kantiano que, da mesma forma em que a razão impõe limite a si mesma (crítica) no campo teórico e no campo prático, também só ela seria capaz de controlar a si mesma em vista de manter a sua integridade, quer dizer, curar-se. Não se trata apenas de reproduzir comportamentos pretensamente sadios, mas de conservar uma interioridade vigilante de si mesma, “como se a razão pura fosse uma espécie de estimulante” (Perez, 2007b, p. 75).

## Referências

- David-Ménard, M. A. (1996). *A loucura na razão pura: Kant leitor de Swedenborg* (H. B.S. Rocha, Trad.). Editora 34.
- Espanca, F. (1987). *Obras Completas de Florbela Espanca*, Vol. 2. Poesia (1918-1930). Publicações Dom Quixote.
- Figueiredo, V. de. (1993). Introdução. In I. Kant, *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais* (V. de Figueiredo, Trad.; pp. 7–18). Papirus.
- Foucault, M. (2000). *História da loucura*. (J. T. C. Netto, Trad.; 6a ed.). Perspectiva.
- Freud, S. (1996). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, Trad.; v. 9, pp. 105–117). Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Fromm, E. (1975). *Conceito marxista do homem* (O. A. Velho, Trad. 6a ed.). Zahar.

- Kant, I. (1992). *A religião nos limites da simples razão* (A. Morão, Trad.). Edições 70.
- Kant, I. (1993a). *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (V. de Figueiredo, Trad.; pp. 19–79). Papyrus.
- Kant, I. (1993b). *Ensaio sobre as doenças mentais* (V. de Figueiredo, Trad.; pp. 81–95). Papyrus.
- Kant, I. (1993c). *O conflito as faculdades* (A. Morão, Trad.). Edições 70.
- Kant, I. (2005). Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica (J. Beckenkamp, Trad.). In I. Kant, *Escritos pré-críticos* (J. Barbosa... [et al], Trad.; pp. 141–218). Editora da UNESP.
- Kant, I. (2006). *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (C. A. Martins, Trad.). Iluminuras.
- Kant, I. (2010, jun.). Ensaio sobre as doenças da cabeça de 1764. *Revista Filosófica de Coimbra*, 19(37), 201–224. [http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio\\_sobre\\_as\\_doencas\\_da\\_cabeca](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio_sobre_as_doencas_da_cabeca)
- Kant, I. (2010). O fim de todas as coisas. In I. Kant, *Textos seletos* (F. de S. Fernandes, Trad.; 6a ed., pp. 92–107). Vozes.
- Kant, I. (2016). *Crítica da faculdade de julgar* (F. C. Mattos, Trad.). Editora Universitária São Francisco.
- Kant, I. (2017). *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais* (P. Panarra, Trad.). Edições 70.
- Kant, I. (2018). *Lições de ética* (B. L. Cunha e C. Feldhaus, Trad.). Editora Unesp.
- Kant, I. (2021). *Reflexões de antropologia: sobre a capacidade de conhecer* (D. O. Perez, Trad.; 1a ed., 1º livro). Instituto Langage.
- Locke, J. (1978). *Carta sobre a tolerância* (A. Aiex, Trad.; pp. 03–39). Abril cultural.
- Panarra, P. M. (2010, jun.). Introdução. In I. Kant, Ensaio sobre as doenças da cabeça de 1764. *Revista Filosófica de Coimbra*, 19(37), 201–224. [http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio\\_sobre\\_as\\_doencas\\_da\\_cabeca](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio_sobre_as_doencas_da_cabeca).
- Perez, D. O. (2007a). Introdução: os filósofos, os terapeutas e a cura. In D. O. Perez, *Filósofos e terapeutas: em torno da questão da cura* (pp. 07-19). Escuta.
- Perez, D. O. (2007b). A cura do excesso de pensamentos em I. Kant. In D. O. Perez, *Filósofos e terapeutas: em torno da questão da cura* (pp. 67-75). Escuta.
- Probert, D. M. G. C. de. (2004). Estudio preliminar. In I. Kant, *Observaciones sobre el sentido de lo bello y lo sublime* (D. M. G. C. Probert, Trad.; 1a ed.). FCE/UAM/UNAM. (Edición bilingüe alemán-español).
- Rousseau, J.-J. (1991). *Do contrato social* (L. S. Machado, Trad.; 3a ed.). Nova cultural.
- Rousseau, J.-J. (1999). *Discurso sobre a origem e fundamento da desigualdade* (M. E. Galvão, Trad.; 2a ed.). Martins Fontes.
- Rousseau, J.-J. (2004). *Emílio: ou da educação* (R. L. Ferreira, Trad.; 3a ed.). Martins Fontes.

Voltaire. (2000). *Tratado sobre a tolerância: a propósito da morte de Jean Calas* (P. Neves, Trad.; 2a ed.). Martins Fontes.

Recebido em: 15 de julho de 2023

Revisado em: 7 de janeiro de 2024

Aprovado em: 11 de janeiro de 2024



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.